



INTERAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA: DISCURSOS E RUPTURAS
SCHOOL-FAMILY INTERACTION: SPEECHES AND BREACHES

Ana Cláudia Bortone³³

PG/UEMS

Marlon Leal Rodrigues³⁴

NEAD/UEMS

RESUMO: O presente artigo versa sobre os discursos que permeiam a importância da Escola e da Família, em manter uma relação de apoio estrutural na formação do ser humano. A relação entre a família e a escola tem muitas barreiras criadas por ambos segmentos, ao longo do processo familiar-educacional, com suas peculiaridades. Criar condições favoráveis para o desenrolar deste processo, especialmente em um país de dimensões continentais, que enfrenta simultaneamente, as dificuldades em combater a pobreza e desigualdade social, como também, gerar crescimento econômico, parece ser o grande desafio. Esse desenvolvimento interpela os sujeitos Escola-Família, através de um caminho de cooperação de “mão dupla”, que só será efetivo se, os pais e/ou responsáveis compreenderem que não cabe à Escola exercer o papel moral da Família, mas sim, o de implantar e implementar ações de conscientização junto a essas famílias, ficando claro a importância destas Instituições no desenvolvimento do educando onde, cada um deve conservar suas características elencando o verdadeiro papel que as compete. Para que haja a interação entre a escola e a família de uma maneira que venha contribuir para um melhor processo de ensino-aprendizagem é necessário que se tenha, de ambos os lados, a conscientização do compromisso, com confiança, respeito e mantendo o vínculo familiar.

Palavras-Chave: Família; Escola; Interação; Aprendizagem; Discursos; Sujeito;

ABSTRACT: This article deals with the discourses that permeate the importance of the School and the Family, in maintaining a structural support relationship in the formation of the human being. The relationship between the family and the school has many barriers created by both segments, throughout the family-educational process, with its peculiarities. Creating favorable conditions for the development of this process, especially in a country of continental dimensions, which simultaneously faces difficulties in combating poverty and social inequality, as well as generating economic growth, seems to be the great challenge. This development challenges the School-Family subjects, through a “two-way” cooperation path, which will only be effective if the parents and / or guardians understand that it is not up to the School to exercise the Family's moral role, but rather, to implement and implement awareness actions with these families, making it clear the importance of these Institutions in the development of the student where, each one must preserve their characteristics, listing the real role that competes them. For there to be interaction between the school and the family in a way that will contribute to a better teaching-learning process, it is necessary to have awareness of the commitment on both sides, with confidence, respect and maintaining the family bond.

Key words: Family; School; Interaction; Learning; Speeches; Subject

INTRODUÇÃO

³³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul- UEMS- Campo Grande- MS. Email: annyclbortone@hotmail.com

³⁴ Orientador Professor Doutor Marlon Leal Rodrigues – UEMS – Campo Grande – MS.



Sabemos que a educação nasce quando se transmite e se assegura as outras pessoas o conhecimento de crenças, técnicas e hábitos que um grupo social já desenvolveu, a partir de suas experiências de sobrevivência. Neste sentido, pode-se afirmar que o nascimento da educação surge quando o ser humano sente a necessidade de converter as suas práticas cotidianas ao seu semelhante.

Por conseguinte, a educação é uma das dimensões essenciais na evolução do ser humano, pois em cada conquista rumo à civilização, faz-se presente junto a esta, a necessidade de transmissão aos semelhantes. Assim, pode-se dizer que a educação nasce como meio de garantir às outras pessoas aquilo que um determinado grupo aprendeu.

A ideia de Família na Bíblia inclui uma afinidade espiritual, sentimentos de amor, respeito e solidariedade. Na sociologia, a família representa uma agregação de indivíduos unidos por laços afetivos ou de parentesco em que os adultos são responsáveis pelo cuidado com as crianças. A família também é compreendida como a primeira instituição responsável pela socialização dos indivíduos. Portanto, ela é considerada um espaço indispensável para a garantia da sobrevivência, desenvolvimento e proteção integral dos filhos e demais membros, conforme garante a Constituição Federal da República do Brasil (1988), capítulo VII, artigo 229.

Fazendo um paralelo entre EDUCAÇÃO e FAMÍLIA, percebemos que foram produzidos ao longo dessa caminhada lado-a-lado, discursos antagônicos balizados pela ideologia do saber, do poder, e das responsabilidades intrínsecas no deslocamento de cada segmento.

Apoiamo-nos em autores que tratam respectivamente da questão da Educação, como também, nas orientações teóricas da Análise do Discurso (AD) de linha Franco Brasileira, em que o sujeito passa a falar de um lugar discursivo, determinado por uma formação discursiva interligada a uma formação ideológica. Com isso, ele vai posicionar o seu discurso em relação aos discursos do outro, estando inserido num tempo e espaço socialmente situados. No imbricamento entre o linguístico e o social, a enunciação passa a ser um fator relevante para a interpretação, para a constituição do significado. Aliado a esse fato, mobilizaremos a noção de Pêcheux (1997), que afirma que a interpretação é um “gesto”, isto é, um ato no nível simbólico. É o lugar próprio da ideologia em que a interpretação é “materializada” pela história. (GUERRA, 2008, p.46-49)

Nesta perspectiva podemos entender que, tanto a escola como a família, estão alicerçados em suas ideologias, suas historicidades e seus discursos, precisam ter uma coesão de pensamentos e atitudes, que permitam ao aluno se conhecer, aprender, interagir, interpretar a linguagem, com foco no desenvolvimento não só intelectual, mas das relações do seu discurso, em relação aos



discursos do outro. Parte-se do princípio que, a escola deva ser, a precursora no sentido de fornecer a base de formação da interação deste sujeito com o mundo do saber, porém, é papel da família dar os alicerces necessários para este fim, para esse discurso.

Com base nesta relação escola-família e na relação da linguagem com a exterioridade, a AD recusa as concepções de linguagem que a reduzem, ora como expressão do pensamento, ora como instrumento de comunicação. A linguagem é entendida como ação, transformação, como um trabalho simbólico em “que tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações, conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidade etc (ORLANDI, 1998, p.17).

Na ótica da AD, o sujeito é atravessado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, o que produz não mais um sujeito uno ou do *cogito*, como em algumas teorias da enunciação, mas um sujeito *cindido, clivado*, descentrado, não se constituindo na fonte e origem dos processos discursivos que enuncia, uma vez que estes são determinados pela formação discursiva, na qual o sujeito falante está inscrito. Contudo, esse sujeito tem a ilusão de ser a fonte, origem do seu discurso. (GUERRA, 2008, p.46)

Segundo Foucault (2013), a arqueologia do saber é, um modo de investigação histórica particular que se opõe a antiga prática do comentário e as interpretações psicológicas, privilegiando os conceitos de descontinuidade, de ruptura, de limiar, de limite, de série e de transformação. Trata-se de examinar o que possibilita o enunciado enquanto elemento último indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes. (FOUCAULT, 2013, p.180)

Deste modo, revelar-se-á a interação entre família-escola, tornando-a um ambiente socializador pela influência que se refletirá, no desenvolvimento comportamental do sujeito aluno e, conseqüentemente poderá deixar de ser um desencadeador das falhas de aprendizagem, como o déficit de atenção e a falta de interesse.

Entretanto, sua travessia poderá ser menos difícil se seguirmos esta tônica, por uma interpretação possível, ancorada no binômio família-escola, na releitura das principais ações efetivamente realizados com este foco. Mas, situar esses participantes em seus lugares sociais, ainda não nos diz nada, nem sobre as relações interpessoais e de poder que se estabelecem nessa interação, nem sobre a ideologia que aí circula.



A TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO NA FAMÍLIA

Para compreendermos os desafios da Escola e da Família frente aos processos de socialização escolar na atual conjuntura, faz-se necessário entender a evolução e os caminhos percorridos por estas duas instituições.

De acordo com a Bíblia Sagrada a família que há muito compõe nossa sociedade, é o fundamento básico e universal das sociedades e desde os primórdios da humanidade “*E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus os criou; macho e fêmea os criou. E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-vos...*”. (Gênesis 1:27-28).

Do mesmo modo, podemos constatar o conceito de família na Constituição Federal do Brasil (1988), no Capítulo VII, Art. 227: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

Logo a família como instituição tem a responsabilidade de transmitir valores e instituir regras, para se compor um padrão de conduta, que oriente o indivíduo no mundo como parte integrante de cada sociedade; porém, cada família passa à criança aquilo que a sua realidade oferece. É comum ouvirmos o provérbio popular: “*A educação vem do berço*”.

É necessário ressaltar que, a vida em família atende a esta necessidade universal, pois desde os primeiros anos de vida de um ser humano a assistência dos pais é essencial, onde a criança aprende a pronunciar as primeiras palavras, a executar gestos, a conhecer objetos e pessoas, a se movimentar e interagir com o todo.

Gokhale (1980) comenta que a família além de ser o berço da cultura e a base de uma sociedade, é também o centro da vida social, trazendo a afirmativa de que a educação da criança na família é a que vai lhe servir de apoio para a sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto. Também traz a consideração da importância da primeira educação, que é tão grande na formação do indivíduo, que pode ser comparada ao alicerce da construção de uma casa, que ao longo da vida, virão as experiências que darão continuidade a esta construção, relativo ao poder de influência de uma família. (GOKHALE, 1980, p.17-18)



Entende-se com a leitura deste autor que a família é a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter de uma pessoa. Podendo, assim, afirmar que as crianças precisam sentir que fazem parte de uma família, demonstrando a sua importância na formação do processo de aprendizagem.

Remete-se a uma retrospectiva ao longo da história da humanidade apresentado por Sawaia (2002), onde o conceito e os valores de família transfiguraram-se e analisando o período da Idade Média, a exemplo, a família tinha como principal objetivo a conservação de bens e a prática comum de um ofício. O matrimônio e a relação com os filhos, não se alicerçava na afetividade e sim, em uma realidade moral e social.

A autora (idem), apresenta que na Idade Moderna, por volta dos séculos XVI e XVII, período de transformações culturais com bases renascentistas e revolucionárias industriais, a família nuclear consolidou-se em nichos urbanos com as figuras do pai, mãe e filhos (família patriarcal), desfrutando de uma harmonia devido às características humanísticas e antropocêntricas que invadem a sociedade. Nesse contexto, o indivíduo enquanto criança recebe mais afetividade, carinho, atenção e importância, com uma perspectiva de educação escolar, observada e valorizada, já que os pais foram impossibilitados de adquirir conhecimentos que os levassem a compreensão de sua identidade, compreendendo-se a relevância de sua participação na socialização escolar. (SAWAIA, 2002, p.62)

Nesta concepção o homem, a partir de seu nascimento, começa a se constituir como sujeito ativo, social e histórico a medida que é capaz de transformar seu ambiente, que é social e cultural e, na medida em que transforma o mundo é por ele transformado. É a partir desta atividade de transformação do mundo que a subjetividade do homem é constituída e constantemente transformada. Homem e mundo relacionam-se permanentemente e neste processo ambos se transformam.

Segundo Rodrigues (2010) a identidade para se configurar mesmo que seja elementarmente, ela abre ou reivindica um espaço de representação política e histórica, desestabiliza parcial ou significativamente as identidades dos espaços das quais elas se rompem uma vez que ela não surge do “nada”. A identidade, dessa forma, se apresenta e representa para si e para o(s) outro(s) que estiver(em) em questão e/ou em disputa.

Esse jogo tenso de representação supõe certos *efeitos de sentido* (Pêcheux, 1997) constituídos nas condições materiais, históricas e discursivas a partir de um conjunto de *formações*



imaginárias (idem) que designam representativamente a identidade do *sujeito* (idem) e a do(s) outro(s), pois “marcar” a identidade é fazê-lo em relação ao outro: somente tendo em consideração outra(s) identidade(s) é que surge a necessidade de “marcar” “a sua”, condição que reivindica também um espaço material, discursivo de existência para poder enunciar-se. Nesse sentido ela surge não como algo que nunca tivesse acontecido, como se irrompesse de um vazio e assim viesse à existência milagrosamente, mas pode-se dizer que ela surge a partir de “fragmentos” e de “reminiscências”(filiadas às redes de memória identificadoras (Pêcheux, 2002)) (DANGLEI,RODRIGUES(Orgs), 2010, p.84-85)

Diante destas observações histórico/linguísticas percebe-se que as modificações que influenciaram e ainda influenciam a interação na própria família: como se sentem, se veem, se identificam, quais sentimentos acompanham suas vivências, seus projetos de vida e as perspectivas de futuro, e a partir destas considerações, podemos observar quais as construções subjetivas que acompanham e fazem parte do fenômeno social da interação família-escola.

A EDUCAÇÃO E O NOVO MODELO DE FAMÍLIA

Na contemporaneidade, percebemos que a dinâmica familiar não é a mesma de décadas atrás: no tempo de nossos avós e nossos pais era muito mais fácil se educar os filhos. Nos dias atuais não se fala mais em família, mas em “famílias” e em “novas configurações familiares”. As exigências e as expectativas aumentaram, os pais trabalham fora e conseqüentemente tem menos tempo com os filhos. A distribuição de tarefas muitas vezes afetam os filhos e, alguns pais delegam a tarefa de educar à escola, às babás, às avós e a igreja, esquecendo-se que a educação dos filhos, sempre será responsabilidade dos pais. Por meio da perspectiva de Sawaia (2002),

“A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (SAWAIA, 2002, pg. 23).

Compreende-se então que, as mudanças mais significativas para uma desintegração do modelo ideal de família são: aumento de divórcios, perda da autoridade da mãe ou pai, presenças das mulheres no mercado de trabalho, o baixo capital cultural, acentuação do individualismo, da



liberdade dos membros da família e a perda da conduta religiosa no lar. A família é uma totalidade diferenciada, pois seus elementos encontram-se em permanente interação. Composta por membros heterogêneos, ora dependentes, ora interdependentes entre si.

Para Wagner (2005) as relações que são estabelecidas na família desde o nascimento são as mais importantes para a vida e vão representar o comportamento futuro deste indivíduo, alegando que a formação de caráter, é essencial e somente no ceio de uma família será capaz de promover esta formação. (WAGNER, 2005, p.124)

Sabe-se que o estilo de comportamento com o mundo e uns com os outros é adquirido na primeira infância, sendo de extrema importância a construção de uma família organizada, com valores bem definidos, para que as crianças possam absorver e desenvolverem-se com uma personalidade equilibrada, para assim, conseguirem um relacionamento de qualidade com a sociedade e, principalmente quando essas divergências ultrapassam os limites familiares, ao darem início a vida escolar, indo na contramão com os ideais da educação escolar, dificultando a adaptação da criança, sua interação com as outras crianças e com os educadores, acarretando dificuldades ou impedimentos para uma aprendizagem significativa de qualidade e, não somente quantidade.

Wagner (2005) reforça a condição de família, salientando que se encontra a referência da força da família em sua perpetuação mediante a transmissão dos seus legados de geração em geração através das diversas culturas existentes. (WAGNER, 2005, p.67)

Logo, é preciso afirmar que, todo indivíduo precisa e depende da família para poder continuar existindo, sendo este o motivo pelo qual se aborda sobre a mesma, como um elemento formador na educação e as tristes mudanças pelas quais a mesma vem passando.

E Sluzki (1997) contribuindo apresenta a seguinte definição para a nova família contemporânea:

A nova definição constitucional de família torna-a mais inclusiva e com menor número de preconceitos, a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres na sociedade conjugal, a consagração do divórcio, a afirmação de planejamento familiar com livre decisão do casal e a previsão de mecanismos para coibir a violência no interior da família, assim como a afirmação do direito das crianças e adolescentes a convivência familiar e comunitária, o reconhecimento da igualdade de direitos os filhos ou não da relação de casamento ou passado, ficando proibido as definições discriminatórias relativas a filiação as conquistas que mudaram a face da questão familiar na constituição. (SLUZKI, 1997, p. 122)



Este pensamento traz à tona que, os novos elementos familiares são esclarecidos e garantidos por lei, deixando a demonstração de que esse processo de mudança é irreversível e necessário, para legitimar os novos arranjos familiares que estão sendo compostos, no interior da sociedade. Assim sendo, um novo personagem se destaca em meio a essas novas configurações criadas pelos sujeitos contemporâneos, demonstrando a sua importância especial no cenário desta família, que é a criança enquanto sujeito de direito, ocupando um lugar muito importante nessa família, mais do que nos outros tipos de família, em face da constituição escolar.

Cabendo a escola entender que, com a ascensão da infância como parte fundamental da família, face as novas mudanças que estão surgindo para a educação das crianças e para a escola também, por ser a instituição responsável em educá-la quanto a família.

A INTERAÇÃO DA ESCOLA COM A NOVA ESTRUTURA DE FAMÍLIA

Entendemos que a escola como instituição social, que se caracteriza como local de trabalho coletivo, com a presença de crianças e adolescentes/educandos e educadores, exerce papel fundamental na formação e estruturação da personalidade destes, através de conhecimentos pré e pós-estabelecidos, por encontrar-se estruturada em padrões éticos, morais em consonância com a legislação vigente, está focada no aluno onde a participação da tríade: Aluno – Professor – Família, deve estar aliada a uma dinâmica ativa e coerente, constitui-se em um resultado cujas linhas norteadoras, contribuirão, para um desenvolvimento eficaz em todo o fazer pedagógico.

Ao abordar a “disciplinarização”, Foucault não enxerga os indivíduos como autônomos que aceitam passivamente todas as determinações do poder. O que ele quer enfatizar é que a sociedade procurou um ajustamento cada vez mais controlado – cada vez mais racional e econômico – entre as atividades produtivas, as redes de comunicação e o jogo das relações de poder. Para Foucault, o fato de haver uma “disciplinarização”, de ter sido necessário desenvolver mecanismos de controle e de vigilância contínuos demonstra que os sujeitos lutam. Dessa luta derivam como consequência, o fato de que nenhum poder é absoluto ou permanente; ele é, pelo contrário, transitório e circular, o que permite a aparição das fissuras onde é possível a substituição da docilidade pela meta contínua e infindável da libertação dos corpos. O exercício do poder não é um fato bruto, um dado institucional, nem uma estrutura que se mantém ou se quebra; ao contrário, ele se elabora,



transforma-se, organiza-se, dota-se de procedimentos maiores ou menos ajustados. (GREGOLIN, 2006, p.136)

Partindo do pensamento de Foucault, fazemos um paralelo de que a escola deve ser entendida por todos os segmentos da sociedade, principalmente pela família, não somente como um espaço de disciplinarização, mas essencialmente como um espaço de aprendizagem, conhecimento, troca de experiências onde o aluno já traz seus conhecimentos pré-construídos, sendo a escola a precursora no sentido de fornecer e trabalhar a base de formação da interação deste aluno.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB nº 9.394/96 é o instrumento que define os objetivos, as prioridades, as condições e os meios que devem reger a política educacional do país. No que diz respeito à Educação, no seu artigo 1º, traz que *“a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organização da sociedade civil e nas manifestações culturais”*. (BRASIL, 1996)

E ainda em seu artigo 2º, *“A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”*. (BRASIL, 1996)

Destaca-se que o ato de educar, exige uma tarefa de comprometimento, perseverança, autenticidade e continuidade. E mesmo diante das mudanças, não se propaga em tempo imediato, por isso, as transformações são decorrentes de ações coletivas, pois as ações isoladas não surgem efeito. A escola se propõe a realizar um trabalho onde a comunidade participe em prol de uma educação de qualidade, baseada na igualdade de direitos e que faça a diferença, não sendo rotulada como uma via de mão única. Portanto, entende-se que a escola deve ser uma parceira da família ou a família deve ser a parceira da escola, sendo que o mais importante é que ambas venham cumprir com o papel de educador, deslocando assim, as rupturas e buscando alicerçarem-se sobre os novos paradigmas da educação.

Deparamo-nos então, com uma questão pontual: para que aconteça uma interação família-escola, é preciso que a escola abra cada vez mais o seu espaço para a participação da família, de tal modo que sejam participantes tanto nas decisões administrativas como nas pedagógicas, o que com certeza, dará a sua contribuição ao favorecimento da aprendizagem. Poderá também, ser percebido



que, quando a participação da família é estimulada pela escola, favorece ao aluno a sua melhor integração no ambiente escolar, culminando em uma aprendizagem mais efetiva, no que concerne as marcas de funcionamento da participação do sujeito aluno.

A necessidade de interação entre a escola e a família, é percebida quando a criança traz sua própria história de vida, que necessita ser conhecida pelo professor que atua diretamente com ela, para poder compreender melhor esse aluno e traçar uma estratégia eficaz, para superar seus possíveis problemas de aprendizagem.

Pensa-se então, que independente do novo modelo de constituição de família, é preciso que a mesma entenda que a sua função é a de partilhar com a escola, para que se alcance o processo de ensino aprendizagem, somente com as contribuições recíprocas, se poderá ter com eficácia os seus papéis e êxito na educação.

É preciso que a escola tenha em mente, a sua função responsabilizadora pelo percurso escolar dos indivíduos, para favorecer a aprendizagem dos conhecimentos sistematizados que são construídos pelo ser humano e valorizar seus dados históricos, caracterizando-se como uma importante agência educacional e socializadora no complemento do trabalho, que é desenvolvido pela família.

Ficando claro então, que tanto a função da família como a da escola, se complementam na construção de um ser humano participativo e consciente, mesmo que as relações entre a escola e a família têm se modificado nos últimos anos e tem passando por rápidas mudanças. Torna-se necessário também, rever a história da educação brasileira, onde a família confiava na escola, e tinha um estabelecimento de cumplicidade, e a triste realidade atual onde a família critica a escola e transfere as suas responsabilidades para a mesma.

Mas, pensa-se que a dedicação no trabalho educacional com criança, exige do educador e dos pais, a importância da compreensão de todos os aspectos relacionados a ele. Para isto, tanto os pais como os educadores precisam estar abertos a novas possibilidades no desenvolver pedagógico, buscando estreitar os vínculos e assim alcançar e aprimorar as potencialidades dos mesmos.

Não obstante, para que ocorra a interação total dos segmentos, é necessário que haja sucesso na aprendizagem. Registra-se que é de fundamental importância que nesta relação entre família e escola, ambas falem a mesma linguagem, com o conhecimento sobre os valores e os conceitos exercidos em cada uma, lembrando que assim será estabelecido um clima de respeito mútuo, favorecendo os sentimentos de confiança e competência, onde cada um exercerá o seu papel.



Para Orlandi(2015),é nesse lugar, em que a língua e história se ligam pelo equívoco, lugar dos deslizes de sentidos como efeito metafórico, que se define o trabalho ideológico, o trabalho da interpretação. Como esse efeito que constitui os sentidos também constitui os sujeitos, podemos dizer que a metáfora está na base de constituição dos sentidos e dos sujeitos. (ORLANDI, 2015, p.79)

De acordo com o pensamento da autora citada, podemos levar à uma compreensão voltada para o tema desse artigo, que, os sujeitos precisam sentir-se constituídos de sentidos, de clareza dos objetivos do trabalho e responsabilidade, que envolvem famílias e escolas, para que ambos ,mesmo vivendo seus equívocos, deslizes e acertos, precisam continuar caminhando juntas, para alcançarem seus objetivos, que fazem parte da constituição da base , de toda sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com estas considerações, concluímos uma das etapas do caminho traçado, para a busca da compreensão do processo de interação substancial entre família e escola

Ficou pontuada a relação entre a escola e a família, no sentido da exigência de complementaridade, tendo em mente às suas expectativas e, mesmo através das suas atribuições de responsabilidade e por suas próprias dificuldades, entendeu-se que ambas, como instituição, estão buscando compreender a realidade vivida pelo aluno e suas famílias.

É preciso que o educador enquanto escola, considere a família como parte essencial no processo ensino - aprendizagem, entendendo a importância de propiciar a efetiva participação de toda a comunidade escolar.

Portanto, considera-se que, com a aproximação do educador da família e este obtendo maiores informações a respeito de quem é o seu aluno, a sua cultura, a sua vida cotidiana, poderá assim, favorecer a organização do trabalho a ser desenvolvido em benefício deste aluno e sua comunidade, criando uma atmosfera que termina por fortalecer o desenvolvimento e a aprendizagem do mesmo, nesses dois ambientes socializadores.

Conclui-se que, para que haja uma verdadeira interação entre a escola e a família, de forma a contribuir para um melhor processo na aprendizagem, é necessário que haja de ambos os lados compromisso, respeito e confiança, fortalecendo o vínculo família-escola. Desse modo, é importante que os discursos presentes nestes segmentos, possam sempre serem postos em direções,



que os levem à reflexão ,de que constantes diálogos devem acontecer, para que possam identificar seus efeitos de sentido, que subjazem nesta interação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHOLO, M. H. **Relatos do Fazer Pedagógico**. Rio de Janeiro: NOOS, 2001.

BÍBLIA SAGRADA – A Bíblia da Mulher: leitura, devocional, estudo. 2ª ed. Baruei, SP: Sociedade Bíblica do Brail,2014.

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro De 1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acessado em 25/09/2019

CONSTITUIÇÃO REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL (1988). Ministério da Educação, Esplanada dos Ministérios, Bloco L, Brasília, 1989.

GOKHALE, S. D. **A Família Desaparecerá?** In Revista Debates Sociais nº 30, ano XVI. Rio de Janeiro, CBSSIS, 1980

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: Diálogos & Duelos**. São Carlos: Editora Clara Luz, 2006. 2 Edição

GUERRA, Vânia Maria Lescano. **Práticas Discursivas: crenças, estratégias e estilos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

LIMA, Rinaldo José Barbosa. **Diagnóstico Organizacional: Processos Gerenciais**. São Paulo: Prentice Hall, 2009.

MEURER, J.L. BONINI, Adair. MOTTA-ROTH Désirée (Orgs.). **Gênero: Teoria, Métodos, Debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.



ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12ª Edição, Pontes Editores, Campinas, SP.2015.

_____. *A Leitura e os leitores possíveis*. In: ORLANDI, Eni P. (org) *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes,1998, p.7-24

PARO, V. H. **Qualidade do Ensino. A Contribuição dos Pais**. São Paulo: Xanã, 2000.

PEREIRA, Danglei Castro de (Org.); RODRIGUES, Marlon Leal (Org.). **Língua e Literatura I: questões teóricas e práticas**. São Paulo: Nelpa, 2010.

SAWAIA, B. B. **O Sofrimento Ético-Político como Categoria de Análise da Dialética Exclusão/Inclusão**. In Sawaia, B.B. (org) *As artimanhas da Exclusão*. Petrópolis, Ed. Vozes, 4ª. Edição, 2002.

SLUZKI, C. E. **Trabalhando em Redes**. Buenos Aires: Nueva Vision, 1997.

TEMPLE, Giovana Carmo. **Acontecimento, Poder e Resistência em Michell Foucault**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2013.

WAGNER, A. (org.). **Como se Perpetua a Família? A Transmissão dos Modelos Familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.